

**APROXIMAÇÃO ENTRE ARQUITETURA E VESTUÁRIO:
OS ESPAÇOS PARA O ENSINO DA MODA**

Jéssica Caroline Barp¹

Patrícia Dalmina de Oliveira²

Gracielle Rodrigues da Fonseca Rech³

Revista Infinity

Revista dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil e Engenharia de

Produção da Uceff.

Vol 5, n. 1, 2020

ISSN 2525-3204

¹ Pós-graduanda em Design de interiores, ambientação e produção do Espaço pela IPOG. Arquiteta e Urbanista pela UNOESC. E-mail: jessicacbarp@gmail.com

² Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC Especialista em Planejamento Urbano –UNOESC e MBA em História da Arte – Estácio de Sá. Arquiteta e Urbanista pela UDESC. Atualmente docente do curso de Arquitetura e Urbanismo na UCEFF Itapiranga. E-mail: oliveira.dalmina@gmail.com

³ Mestre em Projeto e Tecnologia do Ambiente Construído, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo na UCEFF Itapiranga. E-mail: graciellerfrech@hotmail.com

Resumo

O presente estudo busca incentivar a relação da sociedade com a moda, destacando o caráter excepcional e a importância da moda como objeto de estudo, além de estabelecer suas conexões e funções comuns com a arquitetura. Para isso, utilizou-se como base uma pesquisa qualitativa de abordagem descritiva, onde será abordado a história da moda e a sua conexão com a arquitetura, bem como a composição de espaços criativos e de ensino da moda. Com isso, a relação criativa que a moda exerce com a arquitetura pode contribuir na concepção de espaços sociais e de ensino da moda.

Palavras-chave: Moda e arquitetura. Ensino de moda. Arquitetura Escolar. Produção de moda.

Abstract

This research aims to incentive the relation of the society with the fashion. For this, it was sought to highlight the exceptional character and the fashion importance as a study object, in addition to establishing its connections and common functions with architecture. For being part of a creative artistic cultural activity, the fashion is a key sector of world Featured, being present in society not just as a simple differential, but as a part of the own society and its culture, influencing during the whole social historical evolution process. This way, the creative relationship that fashion has with architecture can contribute to the design of social spaces and to teaching fashion.

Keywords: Fashion and architecture. Fashion teaching. School Architecture. Fashion.

Introdução

A moda é caracterizada como um instrumento de liberdade e representação transformadora na sociedade pelo fato de trabalhar ao mesmo tempo com tendências presentes e efêmeras, como também com retomada histórica e de tradições. Por consequência, torna-se elementar no processo de transformação e de formação cultural (BIASSI, 2014).

Além de sua função comercial, a moda como vestuário destaca-se culturalmente na sociedade, por permitir ao sujeito a liberdade de individualizar-se. Afirma Lipovetsky (1989), que é no vestuário que se encontra a lógica do efêmero e da fantasia estética, que, na modernidade, elevou o sujeito à categoria de indivíduo.

Parte de uma atividade criativa artístico cultural, o vestuário é um setor chave de destaque mundial. Dados do ano de 2017 da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecções (ABIT, 2017), apontam que setor correspondia a 16,4% do PIB nacional. Esse mesmo estudo mostra o Brasil como 4º maior parque produtivo de confecções do mundo e 5º maior produtor têxtil do mundo, contando com 29 mil empresas formais instaladas em seu território que produziram cerca de 9 bilhões de peças de vestuário naquele ano.

O setor do vestuário possui grande representatividade financeira, por realizar desfiles, exposições, semanas de moda e rodadas de negócios nas quais são apresentadas e vendidas coleções produzidas pela indústria. Por consequência, o setor mobiliza uma grande quantidade de trabalhadores desde a criação de fibras e fios, passando pela concepção e produção das peças de vestuário, até a organização de espaços para eventos de moda e comercialização, gerando empregos e impacto econômico em todo país.

Com o crescimento do setor de moda, nascem cada vez mais espaços ligados ao seu ensino, sejam eles de nível técnico, graduação ou especialização. Conforme Kowaltowski et al (2012) é importante que os espaços de aprendizado sejam associados às metodologias de ensino. Para o desenvolvimento do ensino da Moda, conforme o Cetec (2010) são necessários laboratórios de modelagem, desenho e projetos, criação, costura e projetos digitais, ou seja, espaços de produção, além disso podemos conjugar o uso de salas de aulas tradicionais, bem como espaços sociais e de divulgação da produção de moda.

Assim, este artigo tem como objetivo principal compreender sobre os espaços de ensino de moda, para isso, tem como objetivos específicos: (a) entender o conceito de moda ao longo da história; (b) compreender a relação entre arquitetura e moda; (c) entender as necessidades e diretrizes para os espaços de ensino e produção de moda. Para isso, a metodologia empregue é qualitativa, utilizando do recurso de revisão bibliográfica onde constatou-se a partir de autores base, como Catarina Andreia Mendes de Miranda e a Cartilha do CETEC, como seriam os espaços relacionados a produção de moda. Aliou-se a parte da teoria, com algumas imagens de referência, que demonstram na prática o que foi abordado na teoria.

A moda

O termo que faz referência a moda pode ser associado a vários conceitos de acordo com o contexto no qual está inserido. Conforme Palomino (2002), a moda vai além das peças de vestuário, integrando o uso das roupas a um contexto social, político e/ou sociológico, englobando dessa forma a história da humanidade, a cultura de um povo, a arte e o comércio.

A moda nem sempre se comportou da forma como é conhecida atualmente, acerca disso, Lipovetsky (1989) discorre um breve histórico da evolução que a moda sofreu ao longo dos tempos, exemplificando que a mesma nem sempre pertenceu a todas as épocas e civilizações.

A ideia de moda que se tem hoje surgiu a partir do século XIV, quando a nobreza sentiu necessidade de se distinguir das demais classes, e o fez com base em um sistema de trocas efêmeras, embebidas pela fantasia estética e pelo feérico das aparências. A partir de então a moda sofreu inúmeras transformações culturais e sociais (LIPOVETSKY, 1989).

No renascimento, o estado da arte buscou a relação com o homem, suas necessidades e a valorização estética associada a perspectiva e a proporção (BENEVOLO, 2012). Assim, o vestuário também ganhou destaque no sentido estético, no qual surgiu a imitação estilística, bem como, a busca pela individualidade expressa na forma de vestir (LIPOVETSKY, 1989).

A respeito disso, o sociólogo Simmel (2008) comenta que a moda como forma de distinção social tem no vestuário do período moderno seu mais fértil solo; contudo, em tempos contemporâneos, vê-se erguer da moda bandeiras que ultrapassam a vestimenta: a moda no campo político, a moda como manifestação de arte, a moda como vetor para a pluralidade do homem.

Com a Revolução Industrial e a produção em série, o vestuário se torna escalonável e passa a ser aperfeiçoado continuamente nas indústrias. Nesse novo sistema de produção, a roupa passa a embutir propostas de simbologia visual na perspectiva de emanar mensagens ao usuário/consumidor, sendo recepção desta uma variável conforme a cultura vivenciada por determinados grupos em determinadas épocas (RECH, 2002). Ao mesmo tempo que a fabricação em larga escala se multiplicava, os preços dos produtos ficavam mais acessíveis e o mercado mais competitivo, caracterizando a comercialização e industrialização do vestuário (COSTA, 2014).

Lipovetsky (1989 apud COSTA, 2014), fala que a ascensão da burguesia e do poder na metade do século XIX ocasionou mudanças nos padrões do vestuário para atender as exigências mais refinadas e sofisticadas da burguesia. Dessa forma, ainda na metade do século, iniciou-se uma fase chamada de “Alta Costura”, destinada, então, as classes mais ricas com a personalização de peças de vestuário e marcas assinadas por estilistas de renome, agregando valor ao produto. Este fato gerou uma separação dos produtos no mercado da moda, os produzidos em larga escala e chamados de *fast fashion* (em inglês, moda rápida), e os produzidos de forma exclusiva e sob medida para determinadas pessoas, chamados *Haute Couture* (em francês, Alta Costura).

Nos dias atuais, faz-se fundamental que a moda exerça correntes estéticas que aproximem o vestuário do consumidor, pois este já não mais se faz levar pelas aparências da fantasia de outrora: o consumidor atual deseja conectar-se e se expressar de maneira verdadeira e autoral, e usa do vestuário para criar um posicionamento em seu próprio contexto. Desenvolver produtos de acordo com as exigências destes, portanto, faz com que os trabalhos dos criadores/estilistas busquem traduzir ideias criativas e inovadoras por meio de soluções industriais (RECH, 2002).

Desse modo, as considerações de Barthes (1967 apud RECH, 2002) apontam para uma preocupação além da mera produção industrial. Rech (2002) acrescenta a reflexão sobre aspectos que caracterizam o produto do vestuário. A saber: criação, qualidade, vestibilidade, aparência, preço e público-alvo.

Dessa forma, entende-se a importância do setor do vestuário, não apenas como forma de expressão da moda moderna, autoral e individual; mas como parte de uma construção social arraigada em vários outros setores da indústria, para além dos têxteis e confeccionistas, movimentando a economia e gerando uma quantidade significativa de empregos diretos e indiretos. Neste sentido Palomino (2002, p. 14), destaca que a moda é “um sistema que acompanha o vestuário e o tempo, que integra o simples uso das roupas no dia-a-dia a um contexto maior, político, social, sociológico”, evidenciando sua relação como parte histórica, cultural, artística, urbana e comercial na sociedade.

Ao analisar o contexto crescente e efêmero atrelado à moda, Caldas (2013) destaca que a mesma vem alcançando dimensões inéditas na história, invadindo os limites de roupa e avançando em diversas esferas da vida social. É exatamente neste cenário que se evidencia o vínculo que a moda exerce com a arquitetura, mostrando que ambas não estão presentes apenas em algo material, mas também em ideias, formas, culturas e vivências de uma sociedade.

Arquitetura e moda

É evidente questionar o princípio de relação entre vestuário e arquitetura, visto que a primeira é efêmera, passageira e composta por materiais flexíveis, já a segunda é monumental, permanente e durável. Porém, refletindo-se de modo mais profundo, verifica-se que ambas possuem como função comum proteger, abrigar e proporcionar uma expressão particular a cada indivíduo, seja por meio cultural, político ou religioso (MIRANDA, 2011).

Miranda (2011) destaca que apesar da moda e da arquitetura criarem objetos que se diferem em tamanho e material, possuem processos criativos muito semelhantes. Ambas têm início em um estudo para um projeto bidimensional que posteriormente é convertido em formas tridimensionais complexas. Além disso, são influenciadas pelas condições culturais, como parte de um contínuo processo histórico no qual o novo é criado, não raro, através de uma interpretação do passado.

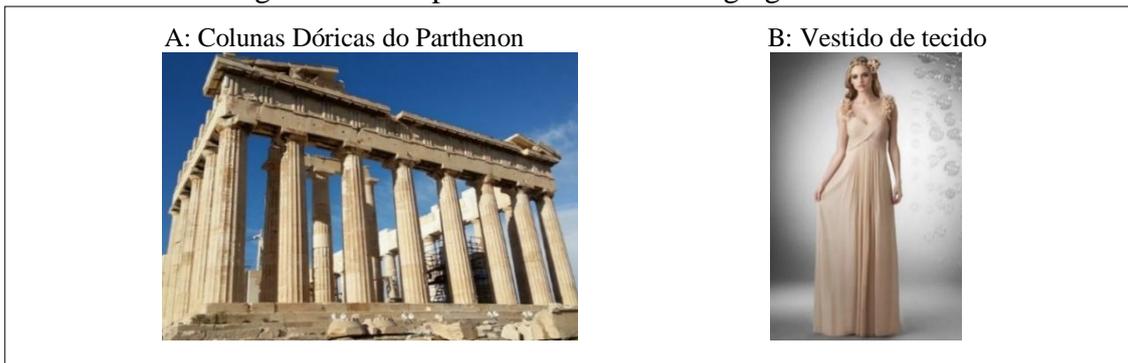
A moda e a arquitetura estabelecem um processo de construção criativa que se assemelham no mesmo sentido histórico, determinando épocas e contextos sociais. Enquanto vetor mais crível da moda, o vestuário é visto como o abrigo mais próximo ao corpo humano, tanto é verdade que muitos estudiosos da área se referem ao mesmo como segunda pele; já a arquitetura também está alocada no sentido de abrigo, uma vez que se propaga do corpo e amplia sua ocupação física (MOTA et al., 2015). Conforme Souza (2001 apud MOTA et al., 2015) as relações entre moda e arquitetura são profundas, sendo que uma transporta para si os elementos essenciais da outra.

Mota (et al., 2015) evidencia que os benefícios da ligação entre vestuário e arquitetura são pautados principalmente com relação ao conforto que ambos podem proporcionar ao indivíduo. Naturalmente os dois fornecem abrigo ao corpo e são instrumentos de que geram espaço e volume. Além disso, ambas trabalham com a escala humana, baseiam-se em formas e referenciam-se em princípios e significados de um processo de construção para pessoas que embora diferentes, simbolizam de modo mais sintético o espírito do tempo.

A associação entre vestuário e construção já existe há muito tempo, basta voltar na Pré-história e analisar que as pessoas usavam pelo de animal tanto para cobrir a pele, como para formar as paredes externas de estruturas (MIRANDA, 2011).

Como parte da evolução histórica, Miranda (2011) explana que as colunas dos edifícios da Grécia Antiga serviram de inspiração para pregas e drapeados no tecido. Ainda, nota-se que tanto o vestuário como a arquitetura grega foram planejados de acordo com as proporções humanas, essas informações podem ser analisadas na analogia feita através da figura 01, que mostra a semelhança existente entre colunas gregas e o tecido.

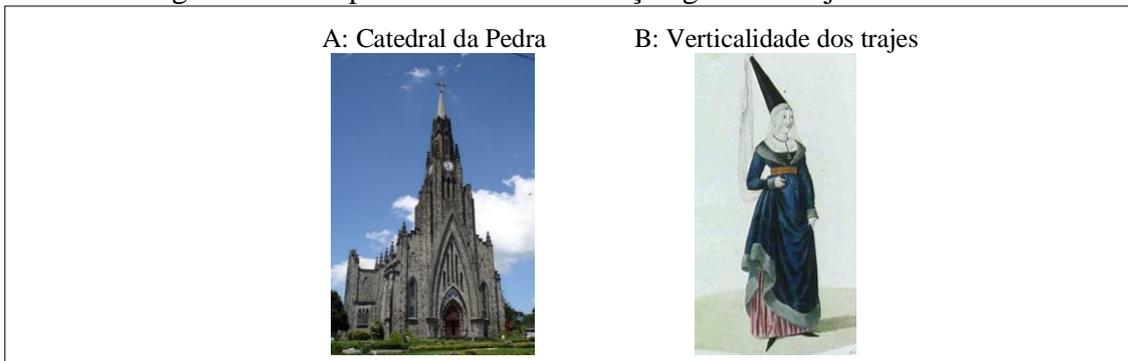
Figura 01: Comparativo entre colunas gregas e tecido



Fonte: A- Lize (2015). B- Alibaba ([20-?])

Ainda, outro ponto convergente entre a arquitetura e o vestuário é visto na tendência de verticalidade Medieval Gótica, na qual sapatos pontiagudos, luvas e chapéus cônicos estavam relacionados com arcos ogivais e as grandes alturas das estruturas góticas (MIRANDA, 2011). Essa afinidade é observada na figura 02, na qual nota-se a arquitetura gótica presente nas peças de vestuário.

Figura 02: Comparativo entre construção gótica e trajes medievais

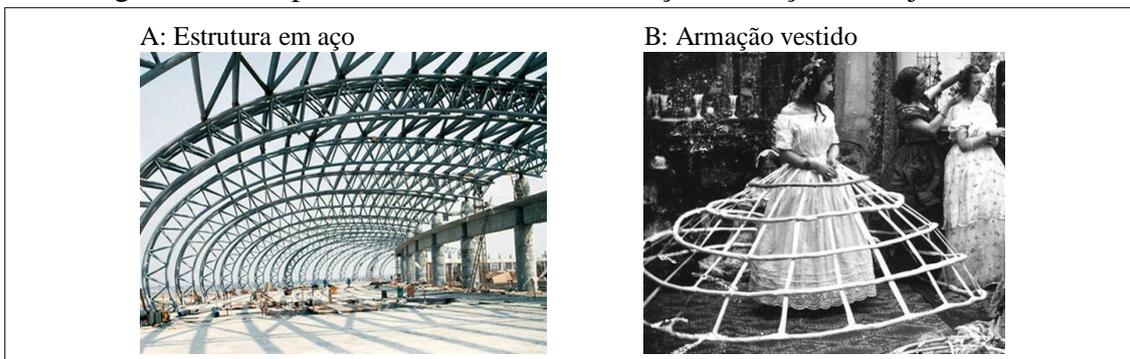


Fonte: A- Artes (2015). B- Pinterest ([20-?])

Já na década de 1850, com novas tecnologias e avanços industriais de fabricação, especialmente de aço, foi possibilitada uma maior abertura de vãos livres, resultando em maior quantidade de luz e necessidade de poucos elementos estruturais arquitetônicos, representado na figura 03-A. Ao mesmo tempo essa abordagem foi utilizada na confecção de trajes femininos, nos quais designers desenvolveram saiotas e crinolinas de metal para apoiar a abóboda em forma de saias, como visto na figura 03-B. Juntamente com tudo isso, surgiu o invento da máquina de costura, quando em 1851 Isaac Singer cria o protótipo que revolucionaria a história do vestuário, da moda e da

própria humanidade, possibilitando a produção em larga escala na indústria de confecções (MIRANDA, 2011).

Figura 03: Comparativo entre estrutura em aço e armação de traje feminino



Fonte: A- Buzzerd ([20-?]). B- Pinterest ([20-?])

Foi no século XIX que, conforme Miranda (2011), formas orgânicas e curvas tornaram-se o centro das atenções, sendo encontradas tanto no vestuário como nas formas fluidas e ornamentais da arquitetura, tendo como inspiração a natureza.

Já no início do século XX, com o início do modernismo, o vestuário e a arquitetura ganham linhas mais simplistas advindas da compreensão do desenho universal e do funcionalismo (prático e utilitário) que deseja a sociedade de então. Destaque para o arquiteto Le Corbusier e a estilista Coco Chanel (MIRANDA, 2011). A figura 04 retrata claramente a semelhança entre as duas concepções.

Figura 04: Comparativo entre construção modernista e traje da mesma época



Fonte: A - Pinterest ([20-?]). B- Pacce (2017)

Desse modo, observa-se que embora os estilistas e arquitetos projetem com diferentes matérias e escalas, os dois utilizam a mesma razão e vertente, complementando conceitos e tendências em ambos os lados.

Por fim, torna-se evidente a conexão entre o vestuário e arquitetura sendo que ambas possuem interação história e cultural, e que buscam novas técnicas e visões que, aliadas à estética, convergem em duas necessidades básicas do ser humano, vestir e habitar. No tópico a seguir, serão abordadas implicações outras que se fazem necessárias para compreender quando a arquitetura se volta para o vestuário, mais especificamente, quando se volta ao ensino deste.

Espaços para o ensino de moda

O ambiente físico é considerado um elemento essencial na busca da qualidade do aprendizado de ensino, sendo que um bom espaço físico de ensino, juntamente com práticas pedagógicas resultam em um ótimo desempenho de aprendizado (KOWALTOWSKI et al., 2012).

O espaço escolar é construído como um local de desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem e que o edifício deve refletir e expressar aspectos que abrangem mais que a sua materialidade, devendo fazer parte da expressão cultural de uma comunidade aprendizado (KOWALTOWSKI et al., 2012).

A complexidade do projeto escolar tem como base, em primeiro lugar, o dinamismo da própria educação e seus métodos pedagógicos que demandam constante atualização dos programas arquitetônicos para abrigarem adequadamente as atividades de ensino (KOWALTOWSKI et al., 2012 p. 1).

Ainda, faz-se necessário projetar pensando em estudantes de várias fases e com desenvolvimentos diferentes, bem como professores, técnicos-administrativos e laboratoriais e membros da comunidade em geral. Desse modo, projeta-se um espaço escolar para o futuro desconhecido e em constante revisão, sendo esse espaço fundamental na formação e no bom desempenho dos usuários (KOWALTOWSKI et al., 2012).

Recomenda-se que os ambientes de aprendizado sejam associados às metodologias de ensino, possuindo flexibilidade de usos e espaços, cujas configurações devem permitir determinada variabilidade. É válido ressaltar que a escola não deve ser composta apenas por salas de aula, mas também por espaços versáteis de estudos, por laboratórios e por espaços de convívio humanizados. Nesse intuito, a arquitetura escolar deve incorporar em seus projetos valores que ganhem significado e criem impacto positivos às pessoas (KOWALTOWSKI et al., 2012).

Para Ribeiro (2004), ao serem projetados e ao se construírem espaços escolares, faz-se necessário elencar alguns tópicos importantes na dimensão da arquitetura: localização (posição solar, clima, topografia, demanda, transporte, poluição sonora), conformação referente a forma, disposição, elementos simbólicos, dimensões pedagógicas, administrativas, recreativas e funcionalidade.

Já Kowaltowski (2011), autor de “Arquitetura Escolar” lista uma série de parâmetros importantes acerca de projetos para escolas no Brasil, dos quais destacam-se aqueles que, acredita-se neste artigo, possuem maior expressão para o projetar de um espaço para o ensino da moda. São eles: Conexão entre espaços internos e externos, espaços flexíveis, iluminação natural, transparência, relação interior/exterior, ventilação natural, cores que estimulem a aprendizagem, pátio e espaços livres, conforto acústico, acessibilidade e entrada convidativa.

Ressalta-se ainda que um espaço escolar voltado para o ensino da moda deve promover a requalificação da área onde está implantado por meio de uma arquitetura que seja transparente, adaptável e flexível. Por sua vez, um espaço versátil pode permitir mais facilmente a reconfiguração de acordo com os usos e o equilíbrio entre a demanda e a estrutura, o que, acredita-se, incentiva o ensino e a aprendizagem.

Além da sala de aula tradicional onde o professor desenvolve aulas expositivas e dialogadas em conjunto com mídias audiovisuais, as aulas de moda necessitam de espaços diferenciados, como: espaços de produção e espaços sociais, os quais iremos discorrer a seguir.

Espaços para produção

Atividades de produção e promoção de moda exigem espaços diversificados que compreendem todas as etapas dos processos de criação. Dessa forma, cada espaço requer um estudo específico de acordo com o seu uso e função para proporcionar aos usuários o conforto e a infraestrutura adequada à atividade desenvolvida.

Todos os processos de produção de moda compreendem diversas cadeias produtivas, fazendo com que o estudo acerca da moda seja realizado em diferentes níveis e áreas de conhecimento como por exemplo cursos à nível superior, técnico e livres. Além disso, observa-se uma grande variedade nos tipos de conhecimentos oferecidos que podem ser tanto teóricos, como também prático, abrangendo processos como confecção de peças, estilo, desenhos, costura, criação e gestão de marketing,

oferecendo ao profissional uma grande gama de opções na área de moda (CALDAS, 2013).

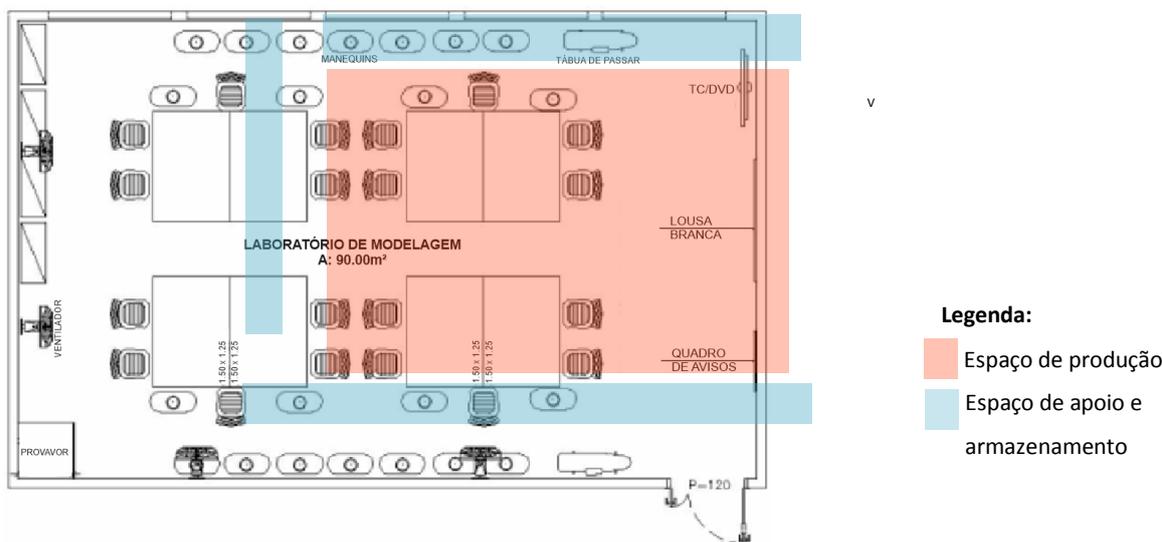
Neste sentido, por haver uma diversidade de usos, é fundamental atender à multifuncionalidade da edificação e, para isso, serão detalhados a seguir todos as características singulares de cada processo de produção e criação de moda, utilizando como parâmetros norteadores os atributos especificados na apostila “Padronização de tipos e quantidades necessárias de instalações e equipamentos dos laboratórios das habilitações profissionais. Técnico em modelagem de Vestuário” disponibilizada pelo CETEC (2010).

Laboratório de Modelagem

Esta tipologia de sala destina-se ao trabalho com matérias primas, como por exemplo rolos de papéis e tecidos, ferros e tábulas de passar roupas, fitas métricas, manequins, tesouras, entre outros. Além disso, é utilizado para a realização de cortes e modelagem, para isso, a disposição deve permitir ao aluno a possibilidade de trabalhar sentado ou em pé com boa iluminação e ventilação do ambiente (CETEC 2010).

Dessa forma, para essa sala CETEC (2010), sugere uma área de 120m² com pé direito de 3 metros sendo o piso de material impermeável e antiderrapante, resistente a impactos. As paredes devem ser claras para refletir a luz e não criar sombras, e a iluminação com lâmpadas fluorescentes tubulares de 6500K, por ser fria e adequada para ambientes de trabalho.

Figura 05: Laboratório de Modelagem



Fonte: CETEC (2010). Adaptado pela autora (2018)

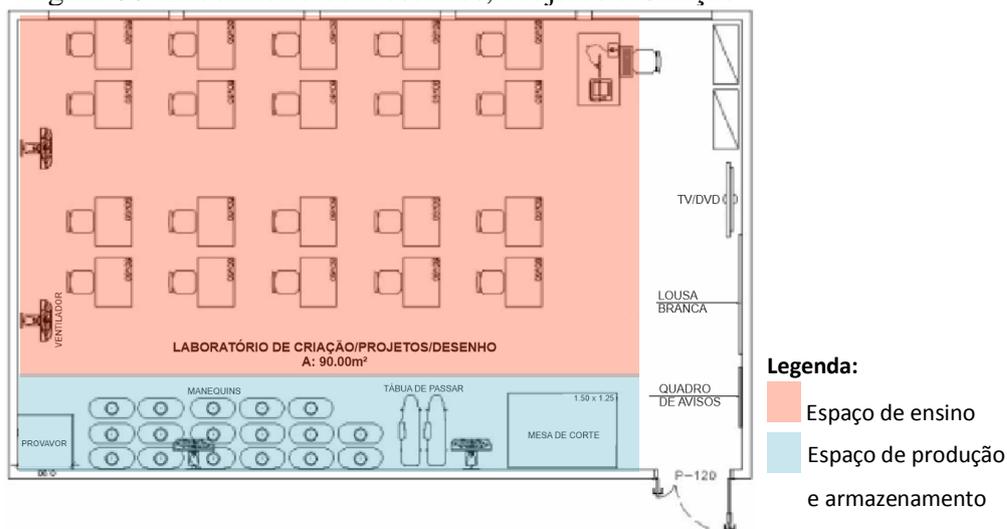
Para o mobiliário, observa-se na figura 05, mesa de corte de 1,50m x 1,25m, bustos de manequins estofados com apoiadores de ferro, armários para armazenamento de materiais, ferro de passar, máquina de cortar tecidos, quadros, televisor e provador. Nota-se por meio da figura 05 que a sala possui 90m², não correspondendo ao descrito pela apostila CETEC (2010) como sendo 120m², esse fato pode prejudicar a circulação e fluxo no laboratório. Também observa-se a falta de local apropriado para P.C.D.

Laboratório de Desenho, Projetos e Criação

Nos laboratórios de desenho e projetos e criação são desenvolvidas aulas práticas destinadas a diferentes componentes curriculares onde o aluno tem contato com diversos materiais e suas aplicações, através de técnicas de desenhos, ilustrações e produções artísticas de modelagem, realizando customização e pequenos reparos de peças do vestuário (CETEC, 2010).

Para esse laboratório CETEC (2010) sugere uma sala com computadores e softwares específicos com dimensões mínimas de 120m² e 3 metros de pé direito. Ainda, especifica o mobiliário com mesas e quadros escolares, mesa de corte, televisores, telas de projeção, expositores do tipo arara, provador, manequins, bonecos articulados, cavaletes para desenho, máquinas de costura, e iluminação adequada segundo a NBR 8995-1 que trata sobre iluminação de ambientes de trabalho.

Figura 06: Laboratório de Desenhos, Projetos e Criação



Fonte: CETEC (2010). Adaptado pela autora (2018)

Por meio de uma análise da figura 06 disponibilizada pelo CETEC (2010), nota-se que os espaçamentos entre as mesas escolares são adequados, porém a utilização das tábuas de passar, dos manequins e da mesa de corte fica prejudicada em virtude do pouco espaço livre no entorno, também observa-se que a imagem mostra uma sala de 90m² que não corresponde ao descrito pela apostila CETEC (2010) com mínimo de 120m². Além disso, observa-se a falta de um espaço destinado a P.C.D.

Laboratório de Costura

Espaço específico para aulas práticas de diversos componentes relacionados à costura das peças de vestuário. Deve possuir área mínima de 120m² com pé direito de 3 metros, paredes pintadas, piso impermeável, liso e resistente a abrasão, além de boa iluminação e aeração do ambiente (CETEC 2010).

O espaço deve contar com mesas escolares, quadro laminado, armários de armazenamento, máquinas de costura reta industrial, galoneira, overloque, interloque, botoneira, caseadeira, traveti e pespontadeira (CETEC 2010).

Figura 07: Laboratório de Costura



Fonte: CETEC (2010)

No laboratório de costura, observa-se por meio da figura 07 que não há especificação dos locais destinados a cada tipo de máquina de costura, também nota-se a falta de espaço e adaptação para P.C.D. e a inexistência das mesas escolares, citadas no manual mas inexistentes na planta baixa. Ainda, sugere-se que seja disposto manequins neste laboratório para auxiliar no processo de finalização das peças de vestuário.

Espaços Sociais

Os espaços sociais de moda condizem com os ambientes para desfiles, showrooms, feiras locais de moda, *outlets* e demais eventos relacionados ao mercado de moda que visam divulgar ao público consumidor as peças de vestuário produzidas além de atrair o público para o interior da edificação de modo a utilizar o espaço por diferentes tipos de usuários.

Por se tratarem de locais dinâmicos que variam de acordo com a utilização proposta, não há um modelo específico de projeto para esse ambiente, mas conforme Guilhermino (2006) a concepção desses espaços deve partir da utilidade do que acontece ali, levando em conta elementos surpresas que despertem curiosidade nos expectadores.

Locais destinados para essas atividades necessitam de um grande espaço multiuso livre para receber diversos tipos de eventos. Dessa forma, não tem a necessidade de um mobiliário fixo, possibilitando a inclusão de layout conforme a necessidade do evento (GUILHERMINO, 2006).

Os desfiles são os melhores meios de promover uma coleção de moda pois criam a imagem das marcas que movimentam de forma significativa a economia da cadeia produtiva do vestuário. Dessa forma os espaços sociais de moda, além de serem privilegiados com a realização de negócios, funcionam também como plataforma de lançamento para novos produtos e tendências do setor (CALDAS, 2013).

Historicamente os desfiles tiveram origem na segunda metade do século XIX, dentro de um amplo quadro de alta costura, sendo o inglês Worth o primeiro a utilizar-se de manequins vivas para apresentar seus modelos às clientes, já o primeiro local a abrigar um desfile foi a casa Lucille em Londres. Os desfiles de maior relevância ocorreram em Milão, Paris, Nova Iorque e Londres, referências em termos de moda internacional (CALDAS, 2013).

Na esfera brasileira, os desfiles iniciaram nos anos 90 com a *Phytoervas Fashion* em 1994 e a *Semana Morumbi Fashion* em 1997 ambos em São Paulo, abrindo espaço para novos talentos no setor de moda do país (CALDAS, 2013).

Atualmente os desfiles de moda concretizam a imagem de um estilista ou de uma marca e o ambiente onde ocorrem esses eventos é primordial para compor o sucesso almejado. Os elementos arquitetônicos básicos de um desfile (Figura 08) são a

passarela, a boca de cena (de onde saem os modelos), a ponta de passarela, a plateia, o ponto de imprensa e o *backstage* (MATOSO, 2015).

Figura 08 – Exemplo de um espaço de Desfile



Fonte: Santos e Santos (2007) adaptado pelos autores.

Considera-se a cenografia como parte fundamental para um evento de moda, pelo fato de definir a direção do desfile e contribuir para a construção do espaço visual de modo a ambientar e contextualizar o local, transmitindo o conceito e mensagem da coleção apresentada. A ambientação dessas cenas de desfiles é realizada por meio da apropriação dos espaços com a utilização de elementos, formas, cores e materiais carregados de significados (DIAS; BARBOSA, 2009).

A ambientação dessas cenas de desfiles é realizada por meio da apropriação dos espaços com a utilização de elementos, formas, cores e materiais carregados de significados (DIAS; BARBOSA, 2009). A figura 09 retrata um exemplo de disposição cenográfica de um desfile, onde nota-se a ambientação e adaptação para o uso requerido.

Figura 09 – Espaço de desfile



Fonte: Santos e Santos (2007)

Ainda inclui-se como atividade social de moda a realização de showrooms e *outlets* pelas marcas fornecedoras de produtos, sendo imprescindíveis para a divulgação e venda de seus produtos. Para isso, um bom local deve transmitir conforto e sofisticação, deixando o cliente à vontade para ver as roupas, conhecer a coleção e fazer a compra (MELLO, 2014).

Figura 10 – Espaço de Showroom



Fonte: Lledó (2015)

Para esses locais é necessário entender que não basta apenas um espaço para exposição das peças. Mello (2014) sugere criar elementos que impressionem na decoração e iluminação, uma estrutura diferenciada para que o cliente se sinta

valorizado. É importante também um espaço para a criação de uma vitrine, a qual deve servir para expor e atrair os clientes, além de araras e manequins.

Dessa forma, os espaços destinados a showrooms ou exposições de moda devem ser dinâmicos e contemporâneos para criar uma experiência única ao consumidor através do ambiente, de modo que o consumidor não adquira apenas bens de serviços concretos, mas sim experiências e aspectos intangíveis dispostas através no ambiente (MELLO, 2014).

O local destinado para as atividades sociais de moda, como os desfiles, showrooms e *outlets*, devem ser pensados a finalidade de não limitar o espaço ou tipo de função que nele será executada, de modo a comportar necessidades distintas de uso com facilidade de modificação espacial, gerando a utilização eficiente de um mesmo espaço.

Espaços flexíveis

Os espaços flexíveis fazem parte de uma arquitetura transformável, ou seja, os elementos que compõe o espaço podem ser remodelados permitindo diferentes usos para um mesmo espaço físico. As transformações podem ocorrer por meio da redistribuição de móveis, painéis, portas de correr, elementos giratórios entre outros mobiliários que ajudam a definir e distinguir o espaço (GUEDES, 2016).

Guedes (2016) ressalta que o conceito de espaços flexíveis não é uma novidade, sendo esse um processo constante de desenvolvimento adaptado por meio da criatividade humana. Geralmente tem-se a ideia de que construções são sólida e fixa, porém no mundo atual faz-se necessário que os ambientes apresentem possibilidades ilimitadas, adaptando-se as alterações de vida dos seus usuários.

Para um projeto com espaços flexíveis é importante que seja dimensionado o espaço com área um pouco maior do que o mínimo desejado, isso para que a modulação dos elementos possa ser feita de maneira fácil, rápida e sem grandes transtornos. Ainda sugere-se a utilização de divisória ao invés de paredes fixas, mas que estas sejam acusticamente adequadas. Móveis com rodízios também são ótimos aliados para a flexibilidade dos espaços e podem servir para separar ambientes (KOWALTOWSKI, 2011).

Guedes (2016) afirma que é necessário evoluir, flexibilizar e adaptar os espaços fazendo sentido ao uso e a necessidade da arquitetura em determinado momento,

promovendo uma adaptação do espaço, a interação de seus utilizadores e a inovação no modo de distribuição dos ambientes.

Dessa forma, para espaços flexíveis destinados à utilização de moda deve-se levar em conta as atividades diversas que ali serão desenvolvidas, as quais exigem uma nova configuração de layout para cada evento ou atividade. Sendo assim, flexibilizar o espaço e adapta-lo para os tipos de uso que atenderá é fundamental para propor aos utilizadores uma arquitetura funcional.

Pátios e espaços livres

Os pátios e espaços livres são importantes lugares de socialização, exploração e experimentação, funcionando como uma extensão das salas de aula e ampliando as atividades pedagógicas. Dessa forma, valorizar sua importância possibilita estabelecer apropriações de modo coletivo em cada indivíduo, sendo esta apropriação diretamente relacionada às necessidades dos usuários exercendo um papel fundamental nos momentos de lazer e socialização (AZEVEDO et al., 2011).

Esses espaços de vivência são pouco explorados e planejados, servindo muitas vezes apenas como um “respiro”, porém, caso bem planejados estimulam e intensificam o aprendizado gerando uma relação de pertencimento e afetividade do estudante para com a escola (NAKAMURA, 2013).

Nakamura (2013) salienta que para esses ambientes externos é interessante ao projetista desenvolver soluções que se conectem com a proposta pedagógica da instituição, contemplando um processo de análise a fim de realizar as inserções específicas para a necessidade do local. Nakamura (2013) ainda lembra que atualmente diversas atividades curriculares possuem disciplinas integradas e os espaços livres, juntamente com conexões internas/externas poderiam adequar-se para a realização dessas.

Kowaltowski (2011) diz que as conexões entre interior e exterior podem ser otimizadas por meio de vistas, terraços, salas de aula ao ar livre e locais de leitura. Para oportunizar um bom fluxo, as conexões não devem possuir barreiras permitindo livre acesso a área.

Quando se pensa nas relações entre espaços interno e externos se torna evidente a importância da transparência e iluminação natural nos projetos arquitetônicos. Trapano e Bastos (2007) ressaltam que ao se tratar de um país tropical como o Brasil, é

importante valorizar a iluminação e ventilação natural, conectando dessa forma o ambiente externo com o interno.

Para a conexão de espaços, são necessários alguns cuidados como por exemplo a utilização de elementos filtrantes para amenizar a incidência solar e ofuscamento. Para isso, é importante a utilização de formas e materiais que valorizem a transparência, mas que sejam adequadas ao clima, tornando a iluminação natural um item benéfico ao projeto, fazendo com que a luz represente algo imaterial, abstrato e infinito, porém materializada através das formas, promovendo inúmeras sensações aos utilizadores dos espaços (TRAPANO, BASTOS, 2007)

Pensar em um fechamento que impeça a entrada de calor, frio, chuva e poeira, mas que permita a passagem de iluminação e ventilação é fundamental para o conforto de um ambiente, e pode constituir de modo positivo uma informação visual de modo a identificar o espaço exterior e conectá-lo ao espaço interior (TRAPANO, BASTOS, 2007)

Neste sentido, a adição de espaços livres no edifício estreita a relação entre interior e exterior, oferecendo suporte às propostas pedagógicas e um momento adequando de lazer aos seus utilizadores (NAKAMURA, 2013).

Considerações finais

Para o desenvolvimento do presente estudo, objetivou-se fortalecer a conexão entre moda e arquitetura. Desse modo, foi apresentada a similaridade e a aproximação, bem como o papel fundamental histórico e cultural de ambas na sociedade. Além disso, mostrou-se fundamental a análise de espaços específicos para o ensino da moda.

Com a pesquisa realizada para compor o presente artigo, percebemos que os processos históricos e criativos da moda e arquitetura são bastante próximos e, muitas vezes, geram influência um ao outro. Essa interdisciplinaridade denota a proximidade de duas vertentes, vistas em um primeiro momento, tão distintas uma da outra.

Ainda, mostrou-se que um bom espaço para ensino da moda deve ser pensado conforme as atividades a serem realizadas neles, sendo que cada espaço requer um estudo específico de acordo com o seu uso e função para proporcionar aos usuários o conforto e a infraestrutura adequada à atividade desenvolvida.

Ressaltamos a importância do setor de confecções e vestuário tanto do ponto de vista econômico como também social, além de entender a composição arquitetônica

para um centro de ensino de moda, espaços escolares e espaços sociais para desfiles, showrooms e *outlets*. Assim sendo, através das informações pesquisadas e analisadas, verificou-se a similaridade de duas concepções criativas e a singularidade no processo de idealização para um espaço de ensino e difusão da moda.

Referências

ABIT. **Perfil do Setor**. 2017. Disponível em: <<http://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen; RHEINGANTZ, Paulo Afonso; TÂNGARI, Vera Regina. **O Lugar do Pátio Escolar no Sistema de Espaços Livres.: Uso, Forma e Apropriação**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2011. 208 p.

BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. 728 p.

BIASSI, Priscilla Bittencourt. **Casa da Moda**. 2014. 31 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Caxias do Sul, 2014.

CETEC, Paula Souza. **Projeto: Padronização de tipos e quantidades necessárias de instalações e equipamentos dos laboratórios das habilitações profissionais. Eixo Tecnológico: Produção Cultural e Design. Habilitação profissional técnica de nível médio: técnico em modelagem do vestuário**. São Paulo: 2010. Disponível em: <http://www.cpscetec.com.br/padronizacaoedelaboratorios/pdfs_resumo/pdf_21.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2018.

CALDAS, Dário. **Universo da Moda**. Disponível em: <<http://www.ameneguete.com.br/wp-content/uploads/2017/06/77841729-Universo-Da-Moda-Dario-Caldas.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

COSTA, Carlos Alexandre Nunes da. **Diálogo entre Fashion Styling e Design de Moda: Conexões, diferenças e similaridades**. 2014. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23395/23395_3.PDF>. Acesso em: 12 abr. 2018.

DIAS, Regina Maria Alves; BARBOSA, Ana Mae. **A cenografia nos desfiles de moda**. 2009. Disponível em: <<http://www.educacaografica.inf.br/wp-content/uploads/2011/06/0013Regina.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

GUEDES, Sara Vale. **Lote da Estação Velha: Ensaio sobre arquitetura evolutiva, flexível e adaptável**. 2016. Disponível em: <https://sigarra.up.pt/faup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=165864>. Acesso em: 14 abr. 2018.

GUILHERMINO, Leila Araújo. As Atmosferas Arquitetônicas de Peter Zumthor: uma arquitetura de dentro para fora. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE

PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 4., 2016, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: 2016. p. 1 - 34. Disponível em: <<https://enanparq2016.files.wordpress.com/2016/09/s47-04-guilhermino-l.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

KOWALTOWSKI, Doris C.c.k.; MOREIRA, Daniel de Carvalho; DELIBERADOR, Marcella S.. **O Programa Arquitetônico no Processo de Projeto: Discutindo a Arquitetura Escolar, respeitando o Olhar do Usuário.** 2012. Disponível em: <<http://www.dkowaltowski.net/wp-content/uploads/2014/07/O-programa-arquitetonico-SBQP-2012.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

KOWALTOWSKI, Doris. **Arquitetura Escolar: o projeto do ambiente de ensino.** São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.** 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Tradução de Maria Lucia Machado.

MATOSO, Marília. **Arquitetura e Cenografia: As passarelas da moda.** 2015. Disponível em: <<http://salapopstudio.com/arquitetura-e-cenografia-as-passerelas-da-moda/>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

MELLO, Marcio. **Showroom de moda: conforto e sofisticação no Bom Retiro.** 2014. Disponível em: <<http://www.bomretirodigital.com.br/single-post-c81e/2014/10/13/Showroom-de-moda-conforto-e-sofisticação-no-Bom-Retiro>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

MIRANDA, Catarina Andreia Mendes de. **Arquitectura como moda: Uma analogia dos mecanismos e da forma.** 2011. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura, Departamento de Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011. Disponível em: <[https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15815/1/Arquitectura como Moda.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15815/1/Arquitectura%20como%20Moda.pdf)>. Acesso em: 14 abr. 2018.

MOTA, Aria Dolores de Brito; CORREIA, Cláudia de Castro; BARBOSA, Rita Cláudia Aguiar. **Diálogos Transversais entre Moda e Arquitetura – Aproximações Funcionais e Estilísticas.** 2015. Disponível em: <[http://www.feevale.br/Comum/midias/468882d2-b9b8-44b5-9f6a-f94d48375e53/DIÁLOGOS TRANSVERSAIS ENTRE MODA E ARQUITETURA – APROXIMAÇÕES FUNCIONAIS E ESTILÍSTICAS.pdf](http://www.feevale.br/Comum/midias/468882d2-b9b8-44b5-9f6a-f94d48375e53/DIÁLOGOS%20TRANSVERSAIS%20ENTRE%20MODA%20E%20ARQUITETURA%20–%20APROXIMAÇÕES%20FUNCIONAIS%20E%20ESTILÍSTICAS.pdf)>. Acesso em: 13 abr. 2018.

NAKAMURA, Juliana. **Tecnologia: Como especificar áreas comuns escolares.** Au: Pini, São Paulo, v. 236, nov. 2013. Disponível em: <<http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/236/artigo301129-1.aspx>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

PALOMINO, Erika. **A moda.** São Paulo: Publifolha, 2003. 104 p.

RECH, Sandra Regina. **Moda: por um fio de qualidade.** Florianópolis: UDESC, 2002.

RIBEIRO, Solange Lucas. Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo. In: SITIENIBUS, 31., 2004, Feira de Santana. **Artigo**. Feira de Santana, 2004. p. 103 - 118. Disponível em: <http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/31/espaco_escolar.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SIMMEL, George. **Filosofia da Moda e outros escritos**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, Lda., 2008. Tradução: Artur Morão.

TRAPANO, Patrizia di; BASTOS, Leopoldo E. Gonçalves. Reflexões sobre luz, espaço e forma na arquitetura contemporânea. In: IX Encontro Nacional e V Latino Americano de conforto em Ambientes Construídos, 9; 5, 2007, Ouro Preto. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: 3, 2007. p. 1849 - 1856. Disponível em: <http://www.infohab.org.br/encac/files/2007/ENCAC07_1849_1856.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2018.